



**Pró-Reitoria Acadêmica  
Escola de Saúde  
Curso de Psicologia  
Trabalho de Conclusão de Curso**

**PROSTITUIÇÃO: COMO A EXISTÊNCIA É SIGNIFICADA A  
PARTIR DA SUBJETIVAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO?**

**Autora: Beatriz Guimarães Lucatelli**

**Orientador: Prof. Ms Alexandre Cavalcanti Galvão**

**Brasília - DF**

**2016**

**BEATRIZ GUIMARÃES LUCATELLI**

**PROSTITUIÇÃO: COMO A EXISTÊNCIA É SIGNIFICADA A PARTIR DA  
SUBJETIVAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Ms Alexandre Cavalcanti Galvão

**Brasília**

**2016**



Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Beatriz Guimarães Lucatelli, intitulado “Prostituição: como a existência é significada a partir da subjetivação do próprio corpo? ”, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, em 14 de junho de 2016, defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof. Ms Alexandre Cavalcanti Galvão

Orientador

Psicologia- UCB

---

Profa. Dra. Luciana da Silva Santos

Membro da Banca

Psicologia/UCB

Brasília

2016

Dedico este trabalho a todas as mulheres que sentem que seus corpos se calaram ao longo de suas vidas e que necessitam resgatar sua existência a partir desse corpo.

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente à minha mãe Elaine, pelo apoio emocional constante, onde encontrei suporte para, mesmo nas dificuldades, continuar buscando meus sonhos e por ser minha maior referência de pessoa, mulher e mãe. Ao meu pai Roberto, por me ensinar desde criança a importância de ter um objetivo e traçar metas para alcançá-lo, sendo um exemplo de tudo o que ensinava. À minha irmã Bárbara, por ser minha companheira de vida e um exemplo de dedicação e esforço. À minha família, por acreditar sempre em mim.

Às minhas amigas Lucimar, Danielle, Raisia e Fabiana, que compartilharam comigo a beleza e as dificuldades do curso. Aos meus amigos Eduardo, Rebecca e Lis, que caminham comigo há muito tempo e foram essenciais durante toda essa trajetória. Ao meu namorado Igor, que me auxiliou na realização das entrevistas e me acompanhou nos momentos difíceis do final do curso.

Ao meu orientador Alexandre Galvão, que tornou todo esse trabalho possível, me guiando da melhor maneira.

À professora Luciana Santos, que fez parte do meu caminho durante o curso e aceitou participar da banca examinadora do meu trabalho.

Após cinco longos anos, faço uma reflexão de tudo o que vivi e aprendi e sinto-me feliz por ver o tanto que cresci e evoluí. O caminho, apesar de conter belas flores, também foi cheio de pedras, mas desde o princípio soube que no fim haveria uma bela paisagem para apreciar e que eu saberia como nunca soube um dia sentir e viver tudo aquilo que eu tanto busquei. As horas de estudo foram recompensadas com a beleza de poder atender pacientes e colher com eles os frutos daqueles encontros. Hoje sei o quanto o percurso foi enriquecedor e o quanto me fez ver a vida com outro olhar.

Agradeço aos professores, que tanto me acrescentaram compartilhando uma imensidão de conhecimentos que eu tanto admiro e busco me espelhar. Essa longa caminhada está chegando ao fim e, com certeza me proporcionará o início de outras belas experiências.

Sou grata a todos que fizeram parte desse caminho e me motivaram a sempre buscar meus objetivos. Muitas pessoas estiveram me acompanhando durante esse tempo e eu gostaria de agradecer imensamente a todos que de algum modo estiveram ao meu lado. A minha eterna gratidão aos amigos, familiares e mestres por viabilizarem a concretização desse momento tão importante em minha vida.

“Esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade” (PERROT, 2003, p.13).

## RESUMO

LUCATELLI, Beatriz Guimarães. **Prostituição**: como a existência é significada a partir da subjetivação do próprio corpo? 2016. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia), Universidade Católica de Brasília, Brasília.

No campo científico a prostituição tem sido abordada, principalmente, nos seguintes temas: a regulamentação da profissão, os cuidados na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e o preconceito sofrido pelas mulheres que se prostituem. O objetivo do presente estudo é analisar a forma como as prostitutas significam a sua existência por meio da subjetivação do próprio corpo. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas profissionais do sexo. A análise de dados foi realizada através do método fenomenológico. O corpo, objeto de estudo dessa pesquisa, é considerado além do corpo físico, como forma de existência, como um encontro com o mundo. As unidades de significado encontradas nas falas das participantes foram: saúde, corpo como sedução, sexo como presença parcial, prostituição como fonte de renda, não-confirmação dos corpos e prostituição como missão. Cada participante apresenta uma vivência na prostituição. Uma se mostra mais envolvida com a profissão e com os clientes e outra se mostra mais vinculada ao dinheiro. Foi observado que há uma relação de prazer e sofrimento maior em uma das participantes.

**Palavras-chave:** Prostituição. Existência. Corpo.

## **ABSTRACT**

In the scientific field prostitution has been discussed mainly inside the following topics: the regulation of the profession, care in the prevention of sexually transmitted diseases and prejudice suffered by women who are prostitutes. The aim of this study is to analyse how prostitutes observe their existence considering the subjectivity of the body. For this, semi-structured interviews were conducted with two prostitutes. Data analysis was performed using the phenomenological method. The body, the object of study of this research, is considered beyond the physical body, it is seen as a form of existence, as an encounter with the world. The categories found in the speeches of the participants were: health, body and seduction, partial presence during sex, prostitution as a source of income, non-confirmation of the bodies and prostitution as a mission. Each participant has her own experience in prostitution. One of them is more involved with the profession and with customers and the other one is more concerned about the money. It was observed that one participant is more affected by the pleasure-suffering relationship.

**Key-words:** Prostitution. Existence. Body



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>PROSTITUIÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>CORPO</b> .....	<b>17</b>
<b>4.</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>21</b>
4.1	OBJETIVO GERAL.....	21
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	21
<b>5</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>21</b>
<b>5.1</b>	<b>PARTICIPANTES</b> .....	<b>21</b>
<b>5.1.1</b>	<b>Critérios de inclusão</b> .....	<b>21</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Critérios de exclusão</b> .....	<b>22</b>
<b>5.2</b>	<b>INSTRUMENTO</b> .....	<b>22</b>
<b>5.3</b>	<b>PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS</b> .....	<b>22</b>
<b>5.4</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>23</b>
<b>6</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>23</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>34</b>
	<b>APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista</b> .....	<b>37</b>
	<b>ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

. O presente estudo tem como objetivo compreender a forma como as profissionais do sexo significam a sua existência por meio da subjetivação do próprio corpo, identificando a relação de prazer e sofrimento presente na prática da prostituição, analisando como as participantes percebem o próprio corpo e como se sentem perante ao preconceito que sofrem.

Visto que não encontramos uma nomenclatura considerada mais adequada para designar a profissional dentro dessa profissão, a primeira pergunta da entrevista realizada para este trabalho foi: “como você denomina sua profissão e como se denomina na profissão?” As duas participantes responderam “prostituição” e “profissional de sexo”, respectivamente. Entretanto, ao longo da entrevista utilizaram também o termo prostituta. Então, em cada estudo citado na revisão de literatura utilizamos a nomenclatura apresentada pelo autor e, nos resultados e discussões, utilizamos os termos prostituta ou profissional do sexo.

O projeto de lei 4.211 Gabriela Leite de 2012 define a atividade dos profissionais do sexo da seguinte maneira:

Art. 1º - Considera-se profissional do sexo toda pessoa maior de dezoito anos e absolutamente capaz que voluntariamente presta serviços sexuais mediante remuneração. (BRASIL, 2012)

Assim, o conceito será aqui utilizado para especificar como a prostituição foi abordada, de modo que a pessoa atua na profissão de forma voluntária. Diferentemente da exploração sexual, onde há a coerção e/ou obtenção de lucros por parte de uma terceira pessoa.

Segundo Camargo (2006), no livro *Garotas de Programa*, Gaspar (1985) enfatiza a existência de diferenças entre as escalas desta atividade. Gaspar identifica como praticantes da “baixa prostituição” mulheres de diversas idades que negociam o corpo nas ruas [...] Geralmente, são mulheres que não fazem muitas exigências ao cliente e atuam num grau de promiscuidade maior que as das outras escalas. Este trabalho tem como foco mulheres da baixa prostituição.

As diferentes escalas da profissão afetam a forma como a prática é exercida e também a maneira como essas profissionais se percebem e são percebidas. As profissionais da média e alta prostituição têm um poder aquisitivo maior, um poder de escolha dos clientes e condições melhores de trabalho, já que o próprio local onde os programas acontecem são mais luxuosos. Na baixa prostituição, a profissional se apresenta de forma mais exposta (geralmente nas ruas)

e pela necessidade, pelo local e, dependendo da procura, não fazem muitas exigências ao cliente.

Segundo Faleiros (2004), a prostituição é considerada a profissão mais antiga do mundo e muitas vezes é vista socialmente como uma oposição à figura da virgem e da mãe, símbolos da moralidade, castidade, da ordem social e da reprodução. Entretanto, essa imagem da mulher como figura casta vem passando por um processo de desconstrução graças também à emergência do movimento feminista. É interessante ressaltar que o movimento feminista permitiu que a mulher rompesse o espaço público e tomasse a palavra. “O feminismo vem para criticar o ideal de feminilidade que dessexualiza a mulher e a associa principalmente a corpo, beleza, estética e moda.” (RAGO, 2004) A partir dessa nova figura que começa a aparecer, a mulher ganha mais força para se posicionar diante da sociedade.

O corpo feminino sempre foi visto como objeto de desejo, mas quando é fonte de um desejo exposto, ele é julgado socialmente. Mesmo com o advento do feminismo e uma nova visão da mulher, que hoje pode ocupar diversos espaços que antes não ocupava, a prostituição é ainda, muitas vezes, vista como uma profissão exercida por mulheres que são desviadas das normas sociais impostas ao feminino. Social e historicamente, a relação com diversas parceiras é mais aceita quando realizada por homens. Tanto que poucos estudos falam sobre a prostituição masculina, que existe, mas não é percebida e julgada como a prostituição feminina, justamente pelo lugar que a mulher é colocada socialmente.

Hoje, a prostituição é uma prática legalizada no Brasil, mas ainda não regulamentada. O Projeto de Lei número 4.211 de 2012 visa a regulamentação da profissão.

O objetivo principal do presente Projeto de Lei não é só desmarginalizar a profissão e, com isso, permitir, aos profissionais do sexo, o acesso à saúde, ao Direito do Trabalho, à segurança pública e, principalmente, à dignidade humana. Mais que isso, a regularização da profissão do sexo constitui instrumento eficaz ao combate à exploração sexual, pois possibilitará a fiscalização em casas de prostituição e o controle do Estado sobre o serviço. (BRASIL, 2012)

A legalização da profissão fará com que esta seja fiscalizada e controlada pelo Estado. Assim, as prostitutas terão seus direitos garantidos e passarão a ocupar um lugar de maior valor, já que estarão asseguradas pela lei e, portanto, serão profissionais como qualquer outra profissão. Como ainda não é uma profissão bem aceita pela sociedade, o estudo de Xavier (2008) aponta a dificuldade de se apresentar como profissional do sexo e a omissão da prática por parte de muitas mulheres. Com a regulamentação, a apresentação como profissional do sexo

será mais constante e, provavelmente, mais aceita. Porém, para muitas que omitem, essa será uma dificuldade que algumas podem vivenciar.

Segundo Tavares (2006, p.3), há quatro sistemas político-jurídicos de enquadramento da prostituição: o sistema proibicionista, abolicionista, o regulador e o novo abolicionismo do século XXI. Silva (2008), exemplifica: “a maioria dos países, como o Brasil, adota o Abolicionismo [...] A legislação abolicionista pune o dono ou gerente de casa de prostituição e não a prostituta. Nesse sistema, quem está na ilegalidade é o empresário, ou patrão, e não há qualquer proibição em relação a alguém negociar sexo e fantasia sexual. O Brasil adota esse sistema desde 1942.” O feminismo permitiu uma apropriação diferente do feminino por parte das prostitutas. Porém, algumas vertentes do feminismo condenam a legalização da prostituição, por acreditarem ser uma forma de apoio à indústria sexual e, assim, à exploração sexual.

Os fatos e posicionamentos acerca da legalização da prostituição constituem uma longa e polêmica discussão, já que envolve uma série de fatores sociais, econômicos, históricos e culturais. Analisar como essas mulheres percebem o próprio corpo é um meio de dar voz aos sentimentos relacionados à prática, legitimando-os. Entender como o encontro entre esses corpos e o mundo se dá, possibilita uma nova leitura acerca da mulher que se prostitui que, assim, pode começar a ser vista de outra forma. Os estudos sobre corpo na prostituição, muitas vezes, não buscam entender como essa mulher se percebe, mas sim como é percebida. A pesquisa será um espaço de escuta empática para expressarem como se sentem nessa relação com seus corpos e como se dá o encontro corpo-mundo.

## **2. PROSTITUIÇÃO**

Para nos aproximarmos do campo de estudo da prostituição, realizamos uma revisão de literatura. A tabela 1 foi montada de acordo com uma pesquisa realizada no Portal CAPES, pela Universidade Católica de Brasília. No campo de busca avançada, foram colocados os seguintes verbetes: prostituição e corpo (com 206 resultados), profissionais do sexo e doenças (0 resultados), profissional do sexo (2046 resultados), profissional do sexo (exato) e corpo (14 resultados) e profissional do sexo e corpo (709 resultados). O termo “exato” se refere a uma opção de busca avançada do Portal CAPES. Desse total de resultados obtidos, o critério de inclusão foi o artigo abordar problematizações acerca do corpo na prostituição de mulheres. Os critérios de exclusão foram: infância, adolescência, prostituição travesti exclusivamente, abordagem médica, uso de drogas, masculinidade, religião e estudos de literatura. Com esses

critérios, dez artigos foram selecionados para análise. A tabela mostra o ano em que o estudo foi publicado e, de acordo com o assunto abordado no artigo ou dissertação, foi estabelecida uma categoria e subcategoria (se houvesse) para o mesmo. Assim, cinco estudos apresentaram a categoria “corpo”, dois apresentaram a categoria “DSTs”, um estudo apresentou a categoria “regulamentação” e outro a categoria “representação social”.

Tabela 1- Categorização da revisão de literatura

<b>ANO</b>	<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>
2004	DSTs	Fatores de risco
2005	Representação social	Vulnerabilidade, DST
2006	Corpo	Desejo
2006	DSTs	Fatores de risco
2008	Regulamentação	
2012	Corpo	Feminino
2013	Corpo	Mercadoria
2013	Corpo	Propriedade
2014	Pedagogia da prostituição	
2014	Corpo	Afeto e violência

Na categoria “corpo”, o critério utilizado foi a pesquisa abordar questões corporais relacionadas à prostituição, tendo como subcategorias “desejo”, “mercadoria”, “feminino”, “propriedade” e “afeto e violência”. Na categoria “DST”, o tema central do estudo é doenças sexualmente transmissíveis e os fatores de risco na prostituição. Na categoria “Representação Social”, o estudo abordou formas de pensar e interpretar a realidade cotidiana da prostituição, com sua vulnerabilidade para doenças sexualmente transmissíveis. Na categoria “regulamentação”, a regulamentação da profissão no Brasil é o foco do estudo. E na categoria “pedagogia da prostituição”, o foco é a forma de se educar na prática da prostituição.

A prostituição, em todos os estudos selecionados, foi considerada uma prática sexual voluntária exercida pela troca de dinheiro. Apesar de cada pesquisa ter a sua categoria e objetivo, todas descrevem o preconceito e estigma desse grupo social. Por meio de diversos instrumentos (entrevistas, fotografias, grupos focais e etc.), foi possível verificar esse preconceito existente na fala de cada uma e a vergonha de se assumirem como profissionais do sexo. A nomenclatura utilizada para denominar a profissional é diversa. Os autores dos estudos categorizados utilizam: garota de programa, profissional do sexo ou prostituta

Com o intuito de analisar o processo de construção da subjetividade individual e social das profissionais do sexo, Esposito e Kahhale (2006) entrevistaram mulheres, visando apreender o processo de produção de sentidos no que se refere à contextualização do HIV em seu cotidiano de trabalho. O referencial teórico utilizado foi a Psicologia Sócio-histórica. Segundo as autoras, nessa abordagem, “a linguagem é dotada de significados sociais, históricos e ideológicos, adquirindo um sentido pessoal construído pelo indivíduo.” A pesquisa foi realizada no Centro de Referência DST/AIDS Santo Amaro, com nove mulheres matriculadas no centro que trabalham ou já haviam trabalhado como profissionais do sexo, dentre estas quatro vivem com HIV/AIDS. Todas entre 21 e 50 anos. Os instrumentos utilizados foram: prontuários (para selecionar as entrevistadas) e entrevistas com dados pessoais das participantes. A análise foi feita através da análise temática, identificando e analisando os núcleos de significado de cada discurso, contextualizando-os ao processo material e histórico que os constituiu. Os resultados encontrados colocam a família como desencadeadora e mantenedora da atividade de profissional do sexo; o trabalho como fonte de prazer e também de sofrimento e desvalorização; sendo este uma fonte transmissora de doenças e, ao mesmo tempo, promotor de prevenção. Por fim, revelam uma ambiguidade em relação ao sentido do trabalho, visto como sacrifício em prol dos filhos, contraposto a uma atividade vergonhosa, conforme vista por elas, de forma que os filhos não tomem conhecimento.

Ao iniciar a prática da prostituição, as pessoas precisam se adaptar à rotina do local, à forma de funcionamento e, talvez, até a algumas regras. Buscando compreender como mulheres se educam ao tomarem parte da prática da prostituição, Sousa (2014) utilizou os referenciais da Educação Popular e da Fenomenologia como aporte teórico-metodológico para o levantamento e análise dos dados obtidos a partir do convívio com mulheres que prestam serviços sexuais. O diálogo, a suspensão e a convivência foram utilizados como metodologia para ser alcançado o objetivo. Por meio do diálogo com mulheres prostitutas, foi possível verificar que algumas procuram a atividade sexual como forma de emancipar-se do controle exercido pelos pais ou maridos e outras buscam a prática como forma de sair de ambientes de trabalho onde sofriam com o controle excessivo de padrões em relação a seus comportamentos e roupas. Esse processo de buscar sua liberdade requer um enfrentamento do medo de ser agredida, de contrair doenças, de não saber lidar com os clientes e com a prática, mas também requer ousadia para mostrar seu rosto, voz e experimentar novas formas de ser e estar no mundo. Com o passar do tempo, conseguem exigir algumas coisas do cliente como, por exemplo, o uso da camisinha. A prostituição, em muitas falas, é relatada com estruturas desumanizantes e opressoras, mas também como uma nova forma de ser e estar no mundo.

Na sociedade atual, há um padrão de corpo exigido principalmente para as mulheres. Alves (2012) teve como objetivo analisar como as garotas de programa moldam seus corpos aos padrões exigidos, como investem no corpo, quais são as prescrições estéticas, higiênicas e morais exigidas nessa categoria, como o corpo das prostitutas é construído socialmente, tanto no imaginário, quanto na realidade. Como é um projeto de pesquisa, a análise será realizada através da dinâmica da pós-modernidade na América Latina (Berger e Luckmann, Gadea e Spivak) e da sociologia do corpo e pretende-se utilizar entrevistas semiestruturadas com garotas de programa. Apesar de ser um projeto de pesquisa, esse estudo contribui para uma reflexão de como a sociedade atual cobra um investimento, um padrão e uma estética corporal.

Com o intuito de compreender, numa região formada por cidades de pequena escala e municípios rurais e indígenas, como trocas sexuais que envolvem dinheiro e outros bens potencializam redes de relações que se fazem e desfazem em agressões e afetos, Nascimento (2014) realizou um ensaio etnográfico para compreender essas experiências na prostituição. O estudo mostra que os corpos de mulheres e travestis que fazem programas são alvo de violência (cortes, brigas, unhas, saltos quebrados, rupturas de relações de amizade e conjugais e etc.), mas também de afeto, que pode ser visto no cuidado com o próprio corpo (atenção especial e demorada com o espelho, cabelos, sobrancelha, pernas e etc.), na relação que alguns clientes estabelecem de carinho, sexo e até mesmo na gravidez, fruto de uma relação sexual com um cliente, onde afetos são trocados com o bebê.

O preconceito existente em relação ao grupo social das prostitutas faz com que esta prática seja vista apenas como fruto da necessidade financeira das pessoas que a exercem, desconsiderando a possibilidade de haver um desejo e prazer ao exercê-la. Esse preconceito faz com que as pessoas rotulem a prostituta como uma mulher sem pudor, que não é nada além disso, sem considerar a sua vida fora daquele contexto.

O estudo de Mendonça (2013) teve como objetivo conhecer e analisar os possíveis ganhos simbólicos atribuídos à profissão e as condições para sua ocorrência, relativizando a imagem da prostituta sofrida que só exerce essa atividade devido a coerção ou a miséria. Para isso, foram utilizadas observação participante e entrevistas semiestruturadas com mulheres que atuam de diferentes formas na prostituição em Porto Alegre. A observação participante foi realizada em um salão de beleza muito frequentado por garotas de programa. O método etnográfico foi utilizado para interpretar essa realidade social através do exercício da familiarização e estranhamento. As entrevistas foram realizadas com mulheres do salão e outras que estabelecem contato com seus clientes via internet. As mulheres relatam suas preferências, falando que gostam de clientes que as tratam como mulher. Muitas relatam a preferência por

homens casados, que geralmente tem um cuidado maior. O estudo mostra o preconceito que sofrem, a dificuldade que vivem em relação à identidade, por terem que esconder o exercício da prostituição, o nojo em ter relação sexual com uma pessoa desconhecida e a relação com o dinheiro, que muitas vezes a motivam a iniciar e a se manter nessa prática. Muitas apresentam um projeto de sair da prática da prostituição e ambivalência existentes entre os papéis de mãe e prostituta, mostrando o outro lado da rotina e da vida dessas mulheres. O diário de campo realizado através de observações em um salão de beleza frequentado por prostitutas mostrou nas falas o quanto os cuidados estéticos parecem essenciais nessa prática, materializando a imagem ideal de feminino em seus corpos.

Com o objetivo de discutir fatos, percepções e representações sociais do cotidiano das mulheres profissionais do sexo, apresentando aspectos que influenciam na proteção das prostitutas em relação ao HIV/Aids, Guimaraes e Merchan-Hamann (2005) avaliaram oito projetos de intervenção educativa sobre DST/AIDS dirigidos a MPS, em cidades da região Sul, Nordeste e Sudeste. Foram realizadas entrevistas em profundidade e grupos focais conduzidos por pesquisadores e pesquisadoras integrantes do Núcleo de Estudos em Saúde Pública, da Universidade de Brasília (UNB). Nas falas, as participantes mostram que não se percebem vendendo seus corpos, mas sim realizando fantasias eróticas. Relatam o frequente risco de violência por parte dos clientes e os caracterizam em “bom” ou fixo. Algumas demonstram estar na profissão por desejo e outras apenas por necessidade financeira. Pelos depoimentos, percebe-se que o estigma para com a profissão ocasiona a discriminação, a violência e o risco de contágio pelo HIV ou demais DSTs. O medo de ser agredida compõe a rotina dessas profissionais. Assim como aponta o estudo de Nascimento (2014), o corpo é alvo de afeto e violência, por isso, o medo está sempre presente na rotina dessas mulheres.

Caracterizar a população de profissionais do sexo em atividade em Ribeirão Preto, São Paulo, segundo variáveis demográficas e socioeconômicas, e estudar os fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis nessa população foram os objetivos de Passos e Figueiredo (2004). Para isso, foram visitados todos os locais identificados na cidade como pontos onde há prática da prostituição. Foram entrevistados travestis, prostitutas mulheres e michês. Os participantes responderam a um questionário que levantava informações sócio demográficas e fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis. Em relação às prostitutas, os travestis apresentaram risco mais alto para doenças sexualmente transmissíveis, que se apresenta pelas diferenças em termos de tempo de trabalho, número médio de parceiros por dia, antecedente de doenças sexualmente transmissíveis ulcerativas, prática de sexo anal, uso de drogas ilícitas não-injetáveis. A exposição a bebidas alcoólicas foi o único fator de risco mais presente entre as



prostitutas. Esse estudo contribui para uma visão sobre possíveis fatores que colaboram para a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis. Os autores relatam a necessidade de uma atenção por parte do governo para promover programas preservativos e também para averiguar os riscos que potencializam essa transmissão entre esses profissionais.

Analisar os discursos de mulheres profissionais do sexo com relação à legalização de sua profissão, encontrando, também, elementos de gênero social, suas identidades sociais e profissionais foi o objetivo da pesquisa de Xavier (2008). A análise das falas foi feita por meio da análise do discurso crítica. Michel Foucault e Pierre Bourdieu foram as bases teóricas consultadas. As entrevistas foram realizadas em casa de massagem, carro e uma foi realizada na própria residência da pessoa. Fez-se uma pesquisa etnográfica para detectar no discurso dos profissionais do sexo o que elas pensam de si mesmas, das mulheres em geral, da prostituição e da legalização. No discurso das participantes, é possível perceber que a compensação financeira é o que faz continuar na atividade, apesar da rejeição à profissão. Nas falas também é possível perceber o respeito e o medo em relação aos familiares, por isso, muitas omitem a prática, para não decepcionar a família. A respeito da legalização, muitas não sabiam do plano traçado pelo Ministério do Trabalho e Emprego e, depois de esclarecido o plano, mostraram suas opiniões. Mas ainda há uma dificuldade em se apresentar como profissional do sexo. Todas consideraram a legalização um avanço e relataram que seus direitos como cidadãs seriam assegurados, mas, para elas, ainda é difícil, pois escondem onde trabalham. E, se trabalhassem fichadas, as pessoas saberiam seu local de trabalho.

Santos (2013) faz uma reflexão em torno do debate legal sobre a regulamentação da prostituição baseada nos discursos inscritos aos projetos de leis propostos ao Congresso Nacional para a proibição do trabalho sexual no contraponto daqueles que advogam a sua regulamentação. Para isso, diferente do estudo de Xavier (2008), foi realizada uma análise documental da legislação brasileira e internacional sobre prostituição. A pesquisa faz uma retrospectiva histórica do uso do corpo em cultos religiosos. As leis vigentes não se apropriam da complexidade do fenômeno da prostituição e o colocam juntamente com o fenômeno da exploração sexual. A justificativa para criminalização da prostituição é baseada em critérios religiosos, mesmo o estado sendo laico. O estudo mostra contradições existentes nos projetos de lei e nos argumentos para justificá-los. O título do estudo (“De quem é o corpo?”) mostra toda essa discussão e a falta de liberdade de escolha dessas mulheres, que não podem ter seus direitos garantidos justamente pela escolha que fizeram, que é julgada negativamente pela sociedade e pelo Estado.

Outra forma de apreensão da realidade é o cinema, que foi usado no estudo de Bortolanza (2006). A pesquisa foi realizada com prostitutas que viviam e trabalhavam no município de Corumbá (fronteira do Brasil com a Bolívia). Além da pesquisa, o projeto tinha como objetivo a orientação para a prevenção das DST/Aids e a mobilização comunitária dessas prostitutas. Para isso, foi investigada a forma como as imagens cinematográficas e as cenas eróticas incitam o corpo. No estudo, o desejo, estética e erotismo são temas interligados que são bastante discutidos, mostrando que no cinema os corpos são transformados.

Todos os estudos mostram, de alguma forma, como essas mulheres lidam com a própria profissão, como se cuidam, como se previnem, o que fazem para se adaptar aos padrões exigidos pela sociedade e como lidam com suas preferências e objeções em relação aos clientes. Tudo isso demonstra o que consideram positivo e negativo na prostituição, mostrando, em muitas falas, a ambivalência presente nos sentimentos em relação à prática.

A prostituição ainda não é uma prática regulamentada no Brasil. Apesar da legislação não punir quem a exerce, não garante os direitos trabalhistas para essas profissionais. Isso também contribui para a percepção negativa da sociedade em relação à essa prática e também para a forma como as prostitutas se percebem nela.

### 3. CORPO

O corpo da mulher que se prostitui é marcado por experiências, desejo, erotismo e história. Isto é, as experiências vividas por aquela mulher, seus desejos eróticos ou não, sua história de vida e os afetos são, de certa forma, depositados em seus corpos. O corpo físico, no caso das prostitutas, é marcado por uma série de preconceitos e é visto como um corpo sujo pela sociedade. Mas além desse corpo físico, há um corpo que deve ser pensado como fonte de existência.

Segundo Alvim (2011, p.230),

Merleau-Ponty discute um corpo objetivo e um corpo fenomenal entrelaçados como dimensões de uma totalidade. O corpo objetivo, coisa entre as coisas, habita as coisas numa co-presença com elas e, assim como os objetos, é visível, tangível e pode ser sentido. O corpo fenomenal é sentiente, vidente e movente.

De acordo com Alvim (2011, p.229), “Merleau-Ponty não está interessado na realidade corpórea em si, mas no corpo como experiência, modo de ser-no-mundo. O corpo é sede do encontro sujeito-mundo”. Partindo da concepção de corpo de Merleau-Ponty, é possível pensar nesse corpo ativo, fruto das vivências experienciadas e desse contato com o externo. O corpo objetivo é o corpo físico, visível e tocável. E o corpo fenomenal é o corpo como experiência no

mundo. Esses dois corpos compõem uma totalidade e são complementares, de forma que um só existe a partir da existência do outro.

Para Merleau-Ponty (1999, p.195), “não estou no espaço e no tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. A amplitude dessa apreensão mede a amplitude da minha existência”. É a partir do espaço, do tempo e do encontro, que a existência se dá. A amplitude da existência é proporcional à amplitude desse encontro com o espaço, com o tempo e da troca entre eles e o corpo.

Laura Perls (1992, apud ALVIM, 2011, p.229) afirma que: “*Actually the point is to be a body (...) when you are a body, when you experience yourself totally as a body, then you are somebody. [...] And when you don't have that, you very easily experience yourself as nobody*”.<sup>1</sup>

Sobre essa fala, Alvim (2011, p. 229) explica:

Laura Perls nesta frase faz um jogo de palavras. Tanto a palavra somebody (alguém) quanto a palavra nobody (ninguém) têm em sua composição a palavra body (corpo) precedida por dois prefixos: some (algum, um) e no (nenhum). Assim, etimologicamente, a palavra alguém é: um corpo e ninguém: nenhum corpo.

Partindo da ideia de Laura Perls, uma pessoa só é alguém a partir de seu corpo. O corpo permite a existência. Porém, a pessoa deve sentir a si mesma como um corpo. Esse processo se dá socialmente, no encontro com o mundo citado por Merleau-Ponty. Para Louro (2001), os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros é feita no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com suas marcas. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza e força são distintamente representadas, nas mais variadas culturas. Isso mostra que o significado atribuído àquele corpo vai depender da cultura em que está inserido. A forma como o corpo é visto e sentido depende de uma série de valores abarcados na história cultural a qual aquele corpo vivencia. “Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade [...] Esperamos que o corpo dite a identidade. Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados”. (LOURO, 2001, p.14).

Para Weeks (1995, p. 90-91 apud LOURO, 2001, p. 14), “O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar”. O corpo é determinante na forma como uma pessoa é percebida pela sociedade. Na prostituição, o uso do corpo como objeto de trabalho e prazer é percebido como falta de pudor e determina a totalidade da

---

<sup>1</sup> Na verdade, o ponto é ser um corpo (...). Quando você é um corpo, quando você sente a si mesmo totalmente como um corpo, então você é alguém. Quando não se tem isso, facilmente você se sentirá como um ninguém. (Tradução livre)

prostituta, diminuindo-a apenas ao seu corpo objetivo no contexto de trabalho, não considerando o corpo fenomenal e os outros contextos de sua vida.

“Aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam”. (LOURO, 2001, p. 15). Isso fica bem claro no caso da prostituição. A forma como se vestem, se portam, seus comportamentos e o que fazem com o corpo são classificados negativamente.

De acordo com Dupond (2010, p.12 apud ALVIM, 2011, p. 230), o corpo é um “corpo sujeito, poder de expressão, espírito, produtividade criadora de sentido e de história” e deve ser considerado como potência. Todo corpo tem esse poder de criação de sentido e história. A sociedade julga o corpo físico e não considera o corpo sujeito, que vai além do que é perceptível aos olhos.

Partindo das ideias desses autores sobre corpo, é possível perceber que o corpo é muito mais do que um objeto no tempo e no espaço. Ele é um encontro com o mundo, onde pode afetar esse mundo e ser afetado por ele. Essa troca permite a expressão, o sentido e a história. Cada cultura permite uma troca diferente e, assim, um corpo é visto de diferentes maneiras nas mais variadas culturas. O corpo determina a existência e a forma como essa existência se dá (a depender do encontro corpo-mundo) determina como esse corpo será visto e sentido.

O corpo como forma de existência permite uma suposta liberdade do ser. Suposta, pois, apesar de livre, o corpo é construído e julgado socialmente. E esse julgamento muitas vezes determina formas de comportamento e a exclusão de determinado grupo social. Nos estudos selecionados para a revisão de literatura, fica clara a necessidade das participantes em esconderem a profissão. E essa necessidade surge a partir do julgamento que a sociedade fará ao receber essa profissional como uma profissional do sexo.

“Esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade” (PERROT, 2003, p.13). A mulher possui um corpo, mas ele não deve ser exposto, mostrado, falado, mas sim calado. Seus membros se escondem pelo pudor a zelar e, assim também acontece com o seu desejo, que deve ser velado.

O corpo feminino é visto como objeto de desejo, mas o fato de poder também ser fonte de desejo exposto faz com que ele seja julgado e condenado. “A vida sexual feminina, cuidadosamente diferenciada da procriação, também permanece oculta. O prazer feminino é

negado, até mesmo reprovado” (PERROT, 2003, p.16). A sociedade condena o prazer feminino e, dessa forma, a prostituição.

A liberdade, em alguns estudos, foi apontada como um dos motivos pelo qual algumas mulheres buscaram a prostituição. O controle de seus corpos por parte de pais ou maridos, fez com que buscassem a liberdade de usar o próprio corpo da forma como gostariam. Se há essa busca por liberdade, se faz necessário entender como é alcançada na prática profissional.

A relação sexual é, para a mulher, socialmente atrelada ao sentimento que duas pessoas possuem uma pela outra. Quando está atrelada à uma troca em dinheiro, a mulher (que é a dona do corpo que se cala, revestido de pureza e a quem o prazer é negado) passa a ser vista como marginalizada e o seu corpo, visto como produto vendido. A prostituição é percebida como uma profissão que mulher nenhuma escolheria espontaneamente, já que se vende em troca de algo que é visto como fruto de um sentimento. O prazer feminino, como citado, é negado. Isso faz com que as mulheres que o utilizam como fonte de trabalho sejam julgadas e condenadas. Em alguns estudos sobre a regulamentação da profissão no país, as participantes citaram as dificuldades que teriam que enfrentar ao ter em um documento o nome da sua profissão, pois preferem esconder, pelo preconceito que vivenciam por serem prostitutas.

Assim, a mulher que se prostitui passa a ser vista, em qualquer contexto na qual está inserida, como moralmente desviada. E as pessoas passam a reduzi-la à sua prática e não consideram os outros possíveis papéis que possa exercer em sua vida como, por exemplo, mãe e estudante. O corpo deixa de ser puro e passa a ser impuro, sem pudor, aberto e exposto, como um corpo feminino não deve e não pode ser.

A prostituta é vista como uma mulher moralmente desviada, já que o seu corpo não segue os padrões femininos impostos pela história, cultura e sociedade. Considerando o corpo da prostituta como forma de existência e sendo ele constantemente reprovado em diversos contextos, é importante analisar a percepção que as profissionais do sexo possuem do próprio corpo e a forma como esse corpo molda sua existência (o encontro corpo-mundo).

A sexualidade, diz-se, é dramática porque engajamos nela toda a nossa vida pessoal. Mas justamente porque nós a fazemos? Porque nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser, senão porque ele é um eu natural, uma corrente de existência dada, de forma que nunca sabemos se as forças que nos dirigem são as suas ou as nossas—ou antes, elas nunca são inteiramente nem suas nem nossas. Não existe ultrapassamento da sexualidade, assim como não há sexualidade fechada sobre si mesma. Ninguém está a salvo e ninguém está inteiramente perdido. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.236).

Assim, Merleau-Ponty demonstra a particularidade da sexualidade experienciada por cada um e a inexistência de um padrão para determinar o certo ou errado na sexualidade. O corpo é o espelho de nosso ser e cada ser é único. Dessa forma, a experiência de cada um a

partir do corpo deve ser compreendida de acordo com aquele ser único. A prostituição não é vivenciada por todos da mesma forma, por isso a importância de analisar a experiência de cada corpo, de cada ser.

## **4. OBJETIVOS**

### **4.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender como as profissionais do sexo significam a sua existência por meio da subjetivação do próprio corpo.

### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar a relação de prazer e sofrimento vivenciada, através do corpo, na prática da prostituição
- Compreender como as participantes percebem o próprio corpo
- Compreender como se sentem perante ao preconceito que sofrem.

## **5. MÉTODO**

O estudo foi fundamentado no método de pesquisa qualitativa, pois foram trabalhadas questões de valores, percepções e representações. Segundo Flick e Cols (2000, apud GÜNTHER, p. 202), uma das características desse tipo de pesquisa é a compreensão como princípio do conhecimento, construindo a realidade, descobrindo e construindo teorias.

### **5.1 PARTICIPANTES**

A pesquisa foi realizada com duas mulheres. Uma com 25 anos e dois anos de experiência na prostituição. E a outra com 30 anos e 12 anos de prática na prostituição.

#### **5.1.1 Critérios de inclusão**

Uma participante devia estar na faixa etária de 20 a 29 anos. E a outra participante deveria estar entre os 30 e 40 anos. A mais nova deveria ter pelo menos um ano de prática na profissão. E a outra deveria ter mais de cinco anos de prática.

### 5.1.2 Critérios de exclusão

Homens, travestis e mulheres gestantes não foram incluídos na pesquisa.

## 5.2 INSTRUMENTO

Foi empregada a técnica de entrevistas semiestruturadas (Apêndice I), em situação individual como forma de coleta de dados. O material verbal foi gravado por meio de um aparelho gravador. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para um computador e, assim, analisadas. No momento da entrevista, foram utilizados papel e caneta para anotação de informações importantes.

## 5.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O contato com as participantes se deu na avenida W3 Norte, uma avenida comercial de Brasília, onde à noite se concentram para que os clientes as procurem para a prestação de serviços. A avenida é composta por duas partes (sul e norte), cada uma contém 16 quadras. As entrevistas foram conduzidas por mim e ocorreram na quadra em que as mulheres estavam. Uma das participantes respondeu às perguntas sentada em uma caçamba de caminhonete. A outra respondeu em pé, na mesma posição que estava quando solicitamos sua participação.

Foi garantido às participantes que receberiam todos os esclarecimentos necessário antes e no decorrer da pesquisa e foi assegurado que seus nomes não apareceriam, omitindo quaisquer informações que poderiam identificá-las. Foram alertadas sobre o direito de se recusarem a responder quaisquer perguntas que pudessem gerar constrangimento e que poderiam desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, sem haver nenhum prejuízo. Foi garantido o acesso ao resultado da pesquisa para todas as participantes.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília no dia 15 de fevereiro de 2016. Com o CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) número 50596915.3.0000.0029. A coleta de dados foi iniciada somente após a aprovação. O contato com cada participante foi realizado individualmente, os objetivos da pesquisa foram explicados e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) foi lido e assinado pelas participantes. Foi explicado que a participação na pesquisa ocorreria voluntariamente. Também foram explicadas as formas que seriam utilizadas para amenizar possíveis riscos que a pesquisa pode acarretar. Assim, quando a participante consentiu sua participação, foi iniciada a entrevista.

#### 5.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos através das entrevistas (que serão transcritas) foram analisados através do método fenomenológico. “O método fenomenológico é um movimento entre reflexões com a finalidade de conhecer, definir e compreender um fenômeno circunscrito a um contexto (um modo de relação)” (GOMES, 2007, p.229). Ao optar por esse método, busca-se compreender e descrever o fenômeno, mas não buscar suas causas. “O que é dito na descrição aponta para a vivência do fenômeno que se quer compreender, e a compreensão desse fenômeno fica tanto mais clara quanto maior for o esforço de perscrutá-lo” (GARNICA, 1997, p. 116).

O método fenomenológico, segundo Holanda (2002; 2003b apud ANDRADE e HOLANDA, 2010, p.264),

Deve buscar acessar a essência do fenômeno estudado, o que pode ser alcançado a partir dos três elementos fundamentais da fenomenologia. O primeiro elemento é a redução fenomenológica, que possibilita acessar a verdade do sujeito. O segundo elemento é a intersubjetividade, que é a relação estabelecida entre o sujeito-pesquisador e o sujeito-pesquisado - duas histórias próprias que se encontram para compreender um fenômeno. O terceiro elemento é o retorno ao vivido, no qual o sujeito-pesquisado retoma sua história.

Nessa pesquisa, foi utilizado o modelo de análise de Amadeo Giorgi. Bruns e Holanda (2003) afirmam que o método de pesquisa fenomenológica descrito por esse autor se utiliza da análise de depoimentos e apresenta os seguintes passos: apreensão do sentido do todo, discriminação das unidades de significado, transformação em linguagem psicológica e síntese das unidades de significado. A partir de uma leitura fenomenológica, procurou-se identificar os aspectos convergentes, divergentes e os mais significativos.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a aprovação pelo comitê de ética, as entrevistas foram realizadas no dia 29 de março de 2016 na W3 Norte. A avenida comercial W3 Norte está localizada no centro de Brasília, concentra um grande número de profissionais do sexo no período noturno e sempre que passava por lá me chamava atenção esse número. Assim, o contato foi realizado no próprio local onde elas esperam os clientes.

Em princípio, o contato com as profissionais seria realizado através de colegas conhecidos, mas como não foi possível esse contato devido ao tempo necessário para a conclusão da



pesquisa, busquei um local onde se concentram. Surpreendeu-me a forma como foram receptivas já no primeiro momento. Pensei que a entrevista não ocorreria no primeiro momento, já que era horário de trabalho e a presença de outras pessoas poderia inibir os clientes. Ao chegar na avenida W3 Norte, por volta das 21h30, conversei com uma mulher que estava sozinha e falou que poderia participar da pesquisa se fosse um pouco mais tarde, já que aquele horário era o mais movimentado e os clientes não iriam parar se houvesse alguém entrevistando.

Em uma quadra próxima, havia um grupo de 4 mulheres. Uma estava um pouco mais afastada das outras três. Parei o carro ao lado e desci. Expliquei os objetivos da pesquisa e apresentei o termo. Ela pediu licença e falou com um homem que estava dentro de um carro que responderia uma entrevista. Ela explicou que é uma profissional do sexo, mas naquele dia não estava ali à trabalho, somente acompanhando as amigas. Instantes depois o homem saiu do carro, parou ao lado de onde estava sendo realizada a entrevista e logo saiu. Pedi autorização para gravar e ela falou que não permitiria nada com câmera. Expliquei que era somente gravação de voz para posterior análise dos dados e ela concordou desde que não houvesse imagem. Assim, percebi que não se sentiria à vontade com o uso da câmera para registrar a escultura corporal, que era parte da pesquisa e não pedi para que realizasse. Ela respondeu às perguntas realizadas e, chegando ao final, falou que não poderia ficar muito tempo. Agradei à participação e perguntei se conhecia alguém que participaria da pesquisa. E ela falou que uma mulher conhecida como Mari (nome fictício) talvez participaria e que ela geralmente ficava na em outra quadra. Fui em sua busca, mas não a encontramos.

Parei o carro e desci para falar com uma mulher e perguntar se ela era Mari. Ela respondeu que não. Expliquei os objetivos da pesquisa e se ela gostaria de participar. Ela concordou em participar e assinou o termo. Uma amiga estava perto e nas perguntas iniciais respondeu também, afirmando o quanto gosta da profissão que tem por ser bem remunerada. A amiga estava comendo e não se interessou em responder às perguntas, por isso não continuei a entrevista com ela.

Visto que, nos estudos pesquisados havia nomenclaturas diferentes para denominar a profissional dentro da prostituição, a primeira pergunta realizada foi: “como você denomina sua profissão e como se denomina na profissão?”. As duas responderam prostituição e profissional do sexo, respectivamente. Entretanto, ao longo da entrevista, as duas se autodenominaram prostitutas. Assim, percebi que nenhuma nomenclatura é ofensiva para elas e as duas (profissional do sexo e prostituta) são utilizadas entre as profissionais.

Bruns e Holanda (2003) afirmam: “França (1989) assinala que o discurso – como uma organização de pensamento pela linguagem constitui-se num modo de ser humano, ou seja, por

seu discurso, o homem manifesta sua própria existência. ” Essa afirmação mostra que a palavra expressa a existência do falante, a sua forma de existir no mundo. Por isso, a análise dos dados obtidos nas entrevistas será realizada como fonte de informações sobre as participantes para se chegar aos objetivos estabelecidos.

Para evitar identificações das entrevistadas, utilizarei nomes fictícios. A primeira entrevistada será identificada como Joana. E a segunda como Bruna. As duas escolheram nomes fictícios para uso na profissão, diferentes dos acima citados. Joana tem 33 anos, é uma mulher negra de cabelo crespo, cacheado e curto, altura mediana. Há 15 anos é profissional do sexo. Bruna tem 25 anos, cabelo curto liso, branca, baixa. Joana se apresenta como mulher, com opiniões mais formadas e com uma bagagem de experiência maior para afirmar com firmeza seus sentimentos e sensações. Bruna se apresenta mais jovial, como uma menina, que não possui muitas críticas negativas em relação à profissão e que em certos momentos parece não ter real certeza das suas respostas. É profissional do sexo há 8 meses, desde que foi demitida e voltou para a profissão. Porém, antes já havia trabalhado em casa de massagem por dois anos aproximadamente.

Por meio das entrevistas foi possível identificar unidades de significado convergentes e divergentes nas falas das participantes. As unidades de significado encontradas nas entrevistas foram: saúde, corpo como sedução, sexo como presença parcial, prostituição como fonte de renda, não-confirmação dos corpos e prostituição como missão. As unidades convergentes foram: prostituição como fonte de renda, sexo como presença parcial, saúde, não-confirmação dos corpos. E as divergentes foram: corpo como sedução e prostituição como missão, presentes somente na fala de Joana.

As duas participantes iniciaram a prática da prostituição por um desejo de ganhar dinheiro. Joana como meio de sustento e Bruna como uma forma de ter um salário melhor, já que antes era recepcionista, ganhava pouco e foi demitida recentemente. Assim, aparece na fala das duas a unidade de significado de prostituição como fonte de renda.

Sexo como presença parcial na prostituição é outra unidade de significado presente na fala de ambas que mostra como não estão presentes em sua totalidade quando estão com os clientes. Joana afirma ser uma presença mais espiritual. E Bruna afirma ser uma presença mais corporal. Ambas não se sentem inteiramente ali durante os programas. O sexo é tido como um encontro muito íntimo entre duas pessoas. Elas relataram que não estão inteiramente ali mostra que não se sentem confortáveis o suficiente naquele momento para se entregarem inteiramente. Quando questionada sobre como diferencia relações de trabalho e afetivas, Joana responde: “No caso aqui e agora eu estava com o meu afetivo né?! Olha só o jeito que eu tô. Se você vir

amanhã, com certeza você já vai ver o jeito que eu tô. Em outro dia, ao invés de óculos eu uso lente, cabelo já é outra coisa, tô bem maquiada, tô com uma roupa ali, igual ela que tá trabalhando. ” Logo em seguida diz: “Isso! Outro personagem. No caso, a gente monta um personagem. Ah... somos personagens aqui, entendeu? ” Isso mostra que, para estar com os clientes, precisa deixar de ser si mesma e montar uma personagem que busque um padrão para agradar os homens. Essa personagem deixa de existir na relação afetiva, onde pode se vestir livremente. O fato de assumir uma nova personagem faz com que a relação sexual também seja afetada. Se, para estar naquele universo, é necessária uma mudança que parte da sua apresentação, deixa de ser si mesma por inteiro. Na relação sexual com os clientes, não se sentirá inteiramente ali.

Outra unidade de significado é a saúde, presente na fala das duas participantes. A saúde aparece como uma preocupação e um motivo para uso de métodos contraceptivos. As duas relataram suas exigências quanto ao uso de preservativos. Se o cliente não aceitar, desistem do programa. Joana relatou seus cuidados, como fazer ginástica, fazer caminhada, usar preservativo, uso de medicamentos e vitaminas. E Bruna falou sobre seu cuidado com a alimentação e o uso constante de preservativo.

A unidade de não-confirmação dos corpos aparece quando Joana relatou que os homens muitas vezes preferem os travestis pela busca de um corpo perfeito, mas quando vão em busca de uma mulher, não reparam muito no corpo, se preocupam mais se sentirão prazer. Bruna também relatou que os homens não se preocupam muito com padrões estéticos. As duas responderam que a parte que menos gostam em seus corpos é a barriga. Mesmo as duas não apresentando excesso de peso, não gostam de suas barrigas. A fala de Joana mostra que as mulheres não se sentem confirmadas com seus corpos, pois há um padrão ideal que é atingido, em maior parte, pelos travestis.

Corpo como sedução é uma unidade de significado encontrada. Quando questionada sobre as partes de seu corpo que mais atraem seus clientes e namorados, Bruna relata não saber, pois nunca havia perguntado. Já Joana responde que eles gostam dos seios, bumbum, lábios e “perereca”. Joana é confirmada pelos clientes e namorados, através das partes do corpo, de que seu corpo é tido como objeto de sedução. Bruna não é confirmada e através da sua fala, diz que vende um trabalho, enquanto Joana relatou vender prazer, satisfação.

Uma unidade de significado encontrada na fala de Joana foi de prostituição como missão, como escolha transcendental. Ela relatou que percebe sua profissão como outra qualquer. Além disso, considera que foi escolhida na terra para exercer esse papel, que não é para qualquer pessoa. Para ela, esse é o seu carma. Ao falar sobre a relação com os clientes,

diz: “Posso ter usado uma droga ou não sei, que também acontece. Não vou dizer que sou santa que eu não sou. Porque aqui é frio, é tudo, você tem que tá na mesma energia do ambiente, do universo naquele momento. Como eu te falei, porque eu fiz a minha escolha, entendeu?” O uso da droga, em sua fala, permite entrar na mesma energia daquele universo que, como seu carma, ela deve aguentar, mas para suportá-lo é necessário que saia um pouco de sua realidade

Joana demonstra maior envolvimento com seus clientes. Ao ser questionada sobre o que mais gosta na sua profissão, ela responde que o contato com os clientes. Bruna responde que o que mais gosta é do dinheiro. Joana se envolve mais na profissão. Bruna se apresenta muito vinculada à ideia de dinheiro.

Bruna não consegue pontuar com facilidade as diferenças entre os relacionamentos afetivos e de trabalho. Quando questionada sobre essa diferença, afirma que a pergunta é difícil. E quando questionada sobre uma dificuldade relacionada ao corpo que vivencia na sua profissão, ela respondeu que gostaria de colocar silicone. Isso demonstra mais uma vez um padrão de beleza que deve ser atingido. O seu corpo, não confirmado pelos homens com os quais tem relação, busca estar dentro de um padrão muitas vezes não exigido pelos clientes, mas sim socialmente, já que na sua própria fala relata que os homens não reparam nos corpos e na forma como as profissionais do sexo se produzem, mas estão mais preocupados com o prazer que sentirão. O corpo ideal é sempre um padrão difícil de ser atingido. A mídia impõe um padrão de beleza no qual somente as mulheres magras são contempladas. Assim, a maioria das mulheres sempre estão em busca desse padrão e se sentem frustradas por não atingi-lo. Tanto que as duas participantes não apresentam excesso de peso e a parte que menos gostam em seus corpos é a barriga.

Joana, apesar de maior envolvimento com a profissão, consegue separar muito bem suas experiências profissionais das afetivas. A família tem conhecimento de sua profissão, mas ela revela assumir outra personagem com os seus clientes, mostrando, assim, que a relação estabelecida com clientes é diferente da estabelecida com seus parceiros afetivos, em que pode ser muito mais ela mesma. Já Bruna relata não sentir tanta diferença, principalmente na relação sexual. Entretanto, a fala de Bruna apresenta muita ambiguidade. Ao mesmo tempo que relatou não sentir diferença, relatou não sentir prazer nas relações sexuais com os clientes, já com o namorado sente.

Joana pareceu responder com mais firmeza às perguntas realizadas. As duas começaram em busca de dinheiro, mas a forma como prosseguiram, enxergam e percebem a profissão é, em grande parte, diferente. Joana vivencia a profissão como um meio, por exemplo, de ter

contato com outras pessoas. Já Bruna percebe como um trabalho, onde é bem remunerada e não se envolve muito com ele.

A diferenças presentes na fala das participantes em relação aos corpos mostram que a forma como se percebem é influenciada também pelo corpo. Assim, cada uma significa sua existência de forma diferente. Joana apresenta uma forma mais segura de ser, com opiniões fortes e isso é representado também pela forma como significa seu próprio corpo, sabendo pontuar partes que os clientes e namorados mais gostam. Bruna parece mais insegura em suas opiniões e em dúvida em seus sentimentos e isso é representado na forma como seu corpo é significado, não sabendo pontuar, por exemplo, quais partes seus clientes e namorados mais gostam. Essa reflexão demonstra que o objetivo geral do trabalho, que é compreender como a existência é significada a partir da subjetivação do próprio corpo é uma questão que perpassa toda uma subjetividade e que o corpo é uma forma de expressão dessa subjetividade. Se só existimos a partir do corpo, se o corpo é a fonte de nossa existência, ele também é expressão desta. Dessa forma, a forma como significam seus corpos representa a forma como existem no mundo. Joana parece mais segura de si e não se importa com o que os outros vão pensar dela. Bruna se mostra ambivalente, ao mesmo tempo que diz não se importar com os outros, não conta para a família sobre sua profissão. O corpo aparece aqui como expressão da subjetividade, de existência, do encontro com o mundo.

As duas participantes utilizam nomes fictícios na prostituição. Assumir identidades diferentes de acordo com os valores do espaço ocupado, segundo Esposito e Kahhale (2006, p.33), “assemelha-se à “divisão dos mundos” salientada por Castro (1995)”. A distinção entre o “mundo de dentro” e o “mundo de fora” da prostituição é uma regra comum nesse contexto, sendo comumente expressado através da duplicidade de nome da Profissional do Sexo, o tal “nome de guerra”.

Joana afirma assumir uma personagem nos horários de trabalho como prostituta. Segundo Alves (2012, p. 146), “o conceito de identidade será de grande valia, pois o corpo da garota de programa se apresenta como palco de diversas identidades. Dentre elas, destacam-se: o corpo como local de identificação de garota de programa, mulher, namorada, esposa, mãe, entre outros.” O corpo, objeto de estudo dessa pesquisa, carrega consigo grande parte da identidade de uma pessoa. Para as mulheres, o peso do corpo na identidade é ainda maior justamente pelo fato de haver um ideal de beleza estabelecido fortemente na sociedade. Joana no dia da entrevista não estava trabalhando e relatou que nos dias em que vai trabalhar, sua aparência é completamente diferente. Usa lentes ao invés de óculos, salto, a roupa é diferente e a forma como arruma o cabelo também. Apesar de relatarem que os homens não se preocupam

muito com a aparência do corpo, as duas se produzem para o momento do trabalho e esse é um comportamento usual nesta avenida (W3 Norte). Todas as prostitutas se arrumam de maneira que as pernas, barriga e braços fiquem mais à mostra.

Assim como cita Alves (2012, p.138): “nossas sociedades consagraram o corpo como emblema de si. É melhor construí-lo sob medida para derrogar ao sentimento da melhor aparência. Seu proprietário, olhos fixos nele mesmo, cuida por torná-lo seu representante mais vantajoso (LE BRETON, 2003, p. 31).” Elas cuidam de seus próprios corpos para torná-los seus representantes, muitas vezes não legitimados pelos clientes. Joana mostra isso quando fala sobre a perfeição desejada pelos clientes e concretizada nos corpos dos travestis.

Como cita Santos (2013, p. 24),

A revolução sexual das décadas de 1950 a 1970 consolidou a percepção do corpo como objeto de trabalho e exibição. Antes o corpo não podia ser exposto, ele deveria estar protegido dos “olhares maliciosos” para evitar despertar o desejo sexual. A partir desse período os corpos podem ser exibidos *seminus* nas praias e nas ruas. Consequentemente, essa nova percepção estimulou a busca por um padrão estético corporal para melhor aceitação/ aprovação social. Todo esse ciclo gerou um fenômeno que hoje chamamos de “ditadura da beleza”, em vigor desde então.

A preocupação com a saúde foi enfatizada por ambas na exigência do uso de preservativos nos programas e em outros cuidados. Segundo expresso por Esposito e Kahhale (2006, p. 335) em seu estudo, “o HIV é muito temido no ambiente de comercialização do sexo, pois uma de suas vias de transmissão é a sexual.” Esse temor faz com que se previnam também de várias outras doenças. Joana ressalta a sua luta pelo uso de preservativos e sempre alerta suas amigas quanto à necessidade do uso. Bruna relatou não querer gastar o dinheiro que ganha para cuidar da saúde, por isso exige o uso por parte de todos os clientes.

Segundo Guimarães e Merchan-Hamann (2005, p. 533) a imagem predominante da prostituta era “a mulher que vendia seu corpo no intuito de satisfazer as luxúrias masculinas que não podiam ser realizadas no espaço da relação conjugal, ou mesmo antes do casamento.” A sociedade tem uma visão da prostituta como uma mulher que satisfará fantasias sexuais masculinas que não são realizadas por outras mulheres. A fala de Bruna confirma essa reflexão: “geralmente os homens procuram as prostitutas achando que as prostitutas vão fazer mágica, pirueta, rodar de cabeça pra baixo e tal. É a mesma coisa, gente.”

Joana relatou que já havia sido violentada. E que agora sabe que não tem compromisso com seus clientes e tem liberdade para decidir estar ali naquele encontro ou não. Assim, aprendeu a lidar com situações de violência. Para Sousa (2014, p. 64), “esse movimento de confiar desconfiando indica que as prostitutas se encontram numa constante busca por equilíbrio entre o medo que resulta da percepção de riscos relativos ao trabalho sexual e a

ousadia em vivenciar novas experiências. ” Já Bruna nunca se sentiu violentada por nenhum cliente.

O corpo objetivo das prostitutas é o corpo visto e, muitas vezes, julgado. O corpo fenomenal é o corpo marcado por suas experiências. Um existindo a partir do outro e os dois sendo complementares. As participantes confirmam essa coexistência em suas falas. Joana confirma, por exemplo, quando diz que se prepara espiritualmente para os programas, de forma que sente que naquele encontro é mais uma presença espiritual do que física. Essa preparação espiritual afeta a forma como se coloca no lugar de prostituta. A forma como cuida fisicamente de seu corpo, muda suas experiências futuras e as possíveis marcas que elas possam deixar em sua existência. Por isso, o corpo fenomenal é movente, de forma que está sempre se transformando. Assim também o corpo objetivo, já que os dois são complementares. “O papel do corpo é assegurar essa metamorfose. Ele transforma a ideia em coisas. Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade. ” (Merleau-Ponty, 1999, p.227)

Joana sinaliza em suas falas uma presença espiritual com os clientes, já Bruna fala de uma presença corporal. Ao serem questionadas se sentem que vendem seus corpos, as duas respondem que não. Joana relatou vender prazer e Bruna vender trabalho. Na fala de Bruna sempre aparece a ideia de objetividade da profissão, onde estabelece um contato profissional que visa uma troca por dinheiro. Já Joana fala de um contato com os clientes, o estabelecimento de um vínculo e demonstra a importância disso para ela.

Assim como relatado no estudo de Jeolás (2009), as participantes do presente estudo também afirmaram não considerar que vendem seus corpos, mas que vendem prazer e trabalho. Isso mostra o quanto a percepção social acerca das prostitutas e suas próprias percepções são diferentes. Joana afirma: “não, eu acho que eu vendo prazer, entendeu? Satisfação. Se fosse o corpo, meu corpo não estaria comigo, sabe? Vendo momentos de prazer. ” E Bruna afirma: “meu corpo não. Eu tô vendendo um trabalho, trabalho. É trabalhoso você tá ali, fazer o homem levantar e tal. É igual um trabalho. ”

Como afirma Merleau-Ponty (1999, p.229), “se dizemos que a cada momento o corpo exprime a existência, é no sentido em que a fala exprime o pensamento [...] O corpo exprime a existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque a existência se realiza nele. ” Se a pessoa existe a partir de seu corpo, vendê-lo seria uma forma de deixar de existir, que é o que socialmente se pensa da prostituta. De certa forma, ela deixa de existir como mulher para assumir um único papel, o de prostituta. Porém, essa visão se apresenta de um lugar preconceituoso já que elas não deixam de existir, mas passam a existir a partir daquele corpo.

Aquela experiência afeta seu corpo fenomenal e seu corpo objetivo. O corpo não é vendido, mas é julgado. A prostituta não deixa de existir, mas sua existência é condenada. O corpo fala, mas a sua fala se cala, a sociedade a cala. Por isso, deve-se dar voz a essa alma, corpo, pessoa e seu respectivos sentimentos e percepções.

“A linguagem não é mais um instrumento, não é mais um meio, ela é manifestação, uma revelação do ser íntimo e do elo psíquico que nos une ao mundo e aos nossos semelhantes.” (MERLEAU- PONTY, 1999, p. 266). Assim como o corpo, a linguagem exprime a existência. Através da linguagem, até mesmo da linguagem corporal, foi possível fazer uma análise de como as participantes significam suas existências a partir da subjetivação do próprio corpo.

A sociedade considera o papel de prostituta exercido por uma mulher e o generaliza, de forma que aquela mulher se torna aquele único papel de profissional que exerce. O desejo da mulher socialmente não deve ser exposto, a marca da feminilidade é o pudor. Uma marca construída socialmente e introjetada por grande parte das mulheres. A prostituta é a representação de uma mulher que não tem essa marca e deixa de ser mulher e se torna somente prostituta. Esse rótulo faz com que ela leve outras marcas para sua vida, em que deixou de ser vista como mulher. Dar voz a essas marcas permite uma nova visão da profissão, da profissional, da pessoa e, principalmente, dessa mulher.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As profissionais do sexo participantes dessa pesquisa apresentaram percepções parecidas em alguns aspectos e distintas em outros. Bruna, por ser mais nova em relação à idade e ao tempo de profissão, se mostra muito vinculada à ideia de dinheiro. Já Joana se envolve mais com a profissão, de modo que o contato com os clientes é algo que lhe agrada muito. Apesar de separar a vida pessoal do trabalho, os parentes e o namorado de Joana têm conhecimento de sua profissão. Já os de Bruna, não. Isso demonstra uma forma diferente de lidar com o fato de ser prostituta e com a forma como será percebida externamente.

Considera-se importante que profissionais da saúde e sociedade estejam disponíveis para a escuta dessas profissionais, que não tem muitos espaços de fala e muitas vezes são julgadas socialmente sem poderem se expressar abertamente.

Diante do exposto, os objetivos da pesquisa foram alcançados: compreender a forma como as prostitutas significam a sua existência por meio da subjetivação do próprio corpo, identificar a relação de prazer e sofrimento vivenciada (através do corpo) na prática da prostituição, compreender como as participantes percebem o próprio corpo e como se sentem



perante ao preconceito que sofrem. Por meio desses objetivos, foi observado que as prostitutas sentem uma presença parcial no encontro com os clientes, sentindo que não estão inteiramente ali. Joana sente a profissão como missão, tem um vínculo maior que Bruna tanto com a profissão, quanto com os clientes. Bruna é mais vinculada ao dinheiro. As duas relatam cuidar da saúde e uma forma de colocar isso em prática é exigindo o uso de preservativo nos programas. As duas relatam a prática de atividade física e Bruna relata um cuidado com a alimentação. As duas apresentaram de alguma forma que as relações afetivas e de trabalho são diferentes. A família e companheiro de Joana têm conhecimento de sua profissão, já os de Bruna não. As duas não se sentem confirmadas com seus corpos e uma delas relata que os homens que estão em busca de corpos mais perfeitos preferem os travestis. As duas têm críticas em relação aos corpos. Joana vivencia mais fortemente uma relação de prazer e sofrimento.

Em alguns aspectos, as falas convergiram para um mesmo ponto, uma mesma unidade de significado, em outras as falas e ideias são completamente divergentes. A subjetividade de cada uma determina a forma como significam seus corpos. A idade, anos de experiência, ambiente social, familiar, cultural e a história de vida de cada uma mostra o quanto uma experiência é diferente para cada pessoa.

O presente estudo visava, inicialmente, realizar uma escultura corporal com as participantes, porém elas não se sentiram à vontade com o uso de câmeras. Acredito que seria um material muito rico e talvez se a entrevista fosse realizada em outro local, elas se sentissem mais à vontade para que isso acontecesse. Ambas sinalizaram a necessidade da entrevista ser realizada em um curto espaço de tempo. Acredito que isso possa ter prejudicado o aprofundamento de várias questões que surgiram ao longo das falas.

Visto que as entrevistas foram realizadas na rua (local de trabalho das profissionais), não foi possível aprofundar todos os aspectos e demonstrar a riqueza desse campo. Foi possível constatar a necessidade de mais pesquisas que possam analisar e colaborar para que as profissionais do sexo tenham mais espaços onde possam ser elas mesmas, reconhecidas naquele lugar, com sua fala legitimada e sem julgamentos. Penso que um estudo em forma de pesquisa-participativa seja interessante nesse contexto, já que mobilizaria as profissionais e o entrevistador para estabelecimento de um vínculo maior. Ao mesmo tempo, teria uma investigação com uma ação, podendo mostrar outras formas de exposição das prostitutas.

Acredito que um estudo comparando a prostituição masculina, feminina e a realizada por travestis possa contribuir para uma análise de gênero e das diferentes percepções que esses lugares ocupam na sociedade. Os estudos nesse campo são necessários para legitimar a fala desses profissionais, para que eles possam expressar suas ideias, opiniões e emoções e não que

as pessoas concluam, a partir de uma percepção distorcida, o que eles mesmos podem esclarecer.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, F. L. A construção social do corpo feminino: um estudo a partir da prostituição feminina de luxo. **Revista Tempo, Espaço, Linguagem**. Irati, v.3, n.2, maio/ago. p. 133-152, 2012. Disponível em: [http://177.101.17.124/index.php/tel/article/view/2693/3110#.V1sUt\\_krLIU](http://177.101.17.124/index.php/tel/article/view/2693/3110#.V1sUt_krLIU). Acesso em: 15 out. 2015.
- ALVIM, Mônica Botelho. "O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau-Ponty." *IGT na Rede* 8.15 (2011). Disponível em: <https://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=355> Acesso em: 15 out. 2015.
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 Maio. 2016.
- BORTOLONZA, Elaine C. **Gestos pornográficos: desejo, estética e erotismo**. 2006. 93f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_arquivos/3/TDE-2007-05-18T11:06:37Z-3190/Publico/Elaine%20Cristina%20Bortolanza.pdf](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-05-18T11:06:37Z-3190/Publico/Elaine%20Cristina%20Bortolanza.pdf) Acesso em: 28 out. 2015.
- BRASIL, Projeto de Lei nº 4.211, de 2012. Lei Gabriela Leite. Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. Legislação Federal. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1012829&filename=PL+4211/2012](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1012829&filename=PL+4211/2012) Acesso em: 07 jun. 2016.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado. **Psicologia e fenomenologia: Reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003. 157 p.
- CAMARGO, Michelle Alcântara, **Revista Ártemis**, v. 5, Dez 2006 – Artigos. Relações entre mulheres na prostituição. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2169/1927> Acesso em: 08 jun. 2016
- ESPOSITO, Ana Paula Gomes; KAHHALE, Edna Maria Peters. Profissionais do sexo: sentidos produzidos no cotidiano de trabalho e aspectos relacionados ao HIV. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 19, n. 2, p. 329-339, 2006 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722006000200020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 Ago. 2015.
- FALEIROS, Eva T. Silveira. **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes**. Brasília: Thesaurus, 2000.
- GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32831997000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831997000200008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 8 jun.2016

GOMES, William Barbosa. Distinção entre procedimentos técnico e lógico na análise fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 2, dez. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 out. 2015.

GUIMARAES, Katia; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 525-544, dez. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 ago. 2015.

GÜNTHER, Hartmut. "Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão." **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 22, n.2. p. 201-210, 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf> Acesso em: 01 nov. 2015.

JEOLÁS, Luiz Carlos Sollberger. **Vendo (o) corpo, vendo (a) imagem: a autorrepresentação fotográfica de mulheres e travestis profissionais do sexo do Jardim Itatinga, Campinas.** / Luiz Carlos Sollberger Jeolás.– Campinas, SP: [s.n.], 2009.´

MATOS, Maria Izilda S. SOIHET, Rachel (org.) **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora Unesp, 2003. 221 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000031.pdf> Acesso em: 20 mar. 2016.

MENDONÇA, Silvia Beatriz. **"Exclusivamente feminino": materialização cotidiana do gênero por "garotas de programa"** 2013. 98f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/1964/1/000447482-Texto%2bCompleto-0.pdf> Acesso em: 15 out. 2015.

MERLEAU- PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Corpo- afeto, Corpo- Violência: experiências na prostituição de estrada na paraíba. **Revista Ártemis**, v. 18, n.1, jul/dez, p. 69-86, 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/22535/12499> Acesso em: 15 out. 2015.

LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da (Trad). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2. ed Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 174 p.

RAGO, Margareth. **Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos**, 2004, 14p. Disponível em <http://www.culturaegenero.com.br/download/subjetividade.pdf> Acesso em: 06 jun. 2016.

PASSOS, Afonso Dinis Costa; FIGUEIREDO, José Fernando de Castro. Fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis entre prostitutas e travestis de Ribeirão Preto (SP), Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, Washington, v. 16, n. 2, p. 95-101, ago. 2004. Disponível em <[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1020-49892004000800004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892004000800004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 ago. 2015.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas.** Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editorial da UNESP, 1998.

SADALA, M.L.A. **A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. Anais... Bauru: Universidade do Sagrado Coração de Jesus e Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004. Disponível em:

<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt1/12.pdf> Acesso em: 07 abr. 2016.

SANTOS, Liliane S. F. **De quem é o corpo? Reflexões em torno do debate legal sobre a regulamentação da prostituição.** 2013.121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:

[http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1990](http://www.bdtd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1990)

SILVA, MB da. **"Profissionais do sexo e o Ministério do Trabalho."** *Âmbito Jurídico* 2008 (2008). Disponível em: [http://www.ambito-](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5233)

[juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=5233](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5233) Acesso em: 07 jun. 2016.

SOUSA, Fabiana R. de. Entre o medo e a ousadia: educando-se na prática da prostituição.

**Revista Ártemis**, v.18 n. 1; jul/dez, 2014. pp. 61-68. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/22534/12498> Acesso em: 23 out.2015.

TAVARES, Manuela. **Prostituição: diferentes posicionamentos do movimento feminista.** UMAR, Portugal, 2006 Disponível em:

<http://www.umarfeminismos.org/images/stories/pdf/prostituicaomantavares.pdf> Acesso em: 07 jun. 2016.

XAVIER, Sandro. **As vozes de mulheres profissionais do sexo sobre a legalização do seu trabalho: discurso e gênero.** 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em:

[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4337/1/2008\\_SandroXavierDaSilva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4337/1/2008_SandroXavierDaSilva.pdf) Acesso em: 21 out. 2015.

## APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

- 1- Como você denomina sua profissão e como se denomina na profissão? (A partir dessa pergunta, faremos referência de acordo com a resposta da participante).
- 2- Como você se percebe na sua profissão hoje?
- 3- Como você percebe seu próprio corpo?
- 4- Como você começou na prática? Como foi para você?
- 5- Você tem outra profissão?
- 6- Como você se sente valorizada nessa profissão?
- 7- As pessoas do seu convívio sabem da sua profissão? Por que?
- 8- Você percebe julgamento moral das pessoas? Se afirmativo, como lida com isso?
- 9- O que você mais gosta na sua profissão?
- 10- E o que você menos gosta?
- 11- Como você concilia vida afetiva e vida profissional?
- 12- Você tem prazer nas relações sexuais de trabalho e de relacionamentos afetivos?
- 13- Como você diferencia relações de trabalho e afetivas?
- 14- Teve alguém que passou do status de cliente para namorado ou o contrário?
- 15- Qual a maior dificuldade (relacionada ao corpo) que você vivencia na sua prática profissional?
- 16- Qual a importância do seu corpo para sua profissão?
- 17- Quais são os cuidados que você tem com o seu corpo?
- 18- Esses cuidados ajudam na profissão?
- 19- Quais partes do seu corpo você mais gosta?
- 20- Quais você menos gosta?
- 21- Quais partes do seu corpo seus namorados mais gostam?
- 22- Quais partes do seu corpo seus clientes mais gostam?
- 23- Diz-se popularmente que na sua profissão vende-se o corpo, o que você acha de tal afirmação?
- 24- Na relação sexual, você se sente inteiramente ali ou é uma presença corporal?
- 25- Você foi ou já se sentiu violentada por algum homem? Como você lidou com isso?
- 26- Como você acha que os homens percebem o seu corpo? E as mulheres? E como lida com isso?

## ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A Senhora está sendo convidada a participar do projeto: “Prostituição: como a existência é significada a partir da subjetivação do próprio corpo? Sob responsabilidade do Prof. Alexandre Galvão e aluna Beatriz Guimarães Lucatelli.

O objetivo desta pesquisa é: analisar a forma como as prostitutas ou profissionais do sexo significam a sua existência por meio da subjetivação do próprio corpo, esta pesquisa justifica-se, pois há poucas pesquisas que dão voz à própria profissional e, assim, você tem a oportunidade de expressar como se sente e lida com seu corpo e sua profissão.

A senhora receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo por meio da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-la. A Senhora pode se recusar a responder qualquer questão (no caso da aplicação de um questionário) que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para a senhora.

A sua participação será da seguinte forma: primeiramente, será realizada uma entrevista, que será gravada. Em um segundo momento, será pedido para que faça duas esculturas com o próprio corpo representando como se percebe e como considera que os outros te percebem. As esculturas serão fotografadas e depois será pedido para que explique o que percebeu e sentiu ao ver as fotos. Nessas fotos, não aparecerão quaisquer marcas que a identifiquem, como tatuagens, por exemplo. As fotos serão tiradas com uma câmera que revela na hora. Se você permitir, elas farão parte do trabalho. O tempo estimado para sua realização é de 1 hora e 30 minutos.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade Católica de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Este projeto possui os seguintes benefícios: as entrevistas possibilitarão uma escuta empática e acolhedora, podendo ser um espaço de expressão de sentimentos e opiniões. Existe o risco de relembrar situações que lhe causem desconforto e pode ser que emergja sentimentos ruins. Se isso acontecer, você poderá ter um acompanhamento psicológico para lidar com essas situações. Esse acompanhamento será realizado no Centro de Formação em Psicologia Aplicada (CEFPA) localizado na Universidade Católica de Brasília. Os atendimentos serão realizados por mim, que sou estagiária do curso de Psicologia e supervisionados pelo orientador da pesquisa, que é psicólogo clínico.

É de nossa responsabilidade a assistência integral caso ocorra danos que estejam diretamente ou indiretamente relacionados à pesquisa. Esta pesquisa não lhe trará custos e é de nossa responsabilidade o ressarcimento de custeio de despesas relacionadas à pesquisa.

Se a Senhora tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Prof. Alexandre Galvão, na instituição Universidade Católica de Brasília, telefone: 33569328, no horário: 8h às 22h, de segunda-feira à sexta- feira.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCB, número do protocolo 50596915.3.0000.0029. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos no CEP/UCB pelo telefone: (61) 3356-9784. O CEP da UCB está localizado na sala L02, no endereço Campus I - QS 07 – Lote 01 – EPCT – Águas Claras – Brasília – DF.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o voluntário da pesquisa.

---

Nome / assinatura

---

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_

Observação: Favor rubricar as duas páginas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.